

UM TRANSGRESSOR? A TRANSGRESSOR?

*Regina Taccola**

RESENHA DE:

Rodrigué, E. (2006). *Separações necessárias – Memórias*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Como se vê pela dedicatória (narcisista?) a si mesmo, onde se define como “psicanalista argentino criativo, corajoso e um tanto histérico” (Rodrigué, 2006: 9), Rodrigué continua um gozador no sentido da busca do gozo que pauta sua trajetória de vida, em rocambolesco desafio a todas as regras autoritárias e irracionais.

Data de 1943, quando cursava o terceiro ano de medicina, seu primeiro contato com a psicanálise, através da figura do analista Arnaldo Rascovsky. “Foi toda uma aventura. Desde a segunda sessão, me deitei no divã e um maravilhoso mundo se abriu para mim” (Rodrigué, 2006: 31). A Associação Psicanalítica Argentina tinha sido fundada há apenas um ano, com quatro assinaturas na ata: Celes Cárcamo, Angel Garcia, Enrique Pichon-Rivière e Arnaldo Rascovsky, e rapidamente foi admitida “pela confraria da IPA” (Rodrigué, 2006: 40), identificada à postura autoritária da instituição fundada por Freud. Não era para menos: naquela altura “um agente de segurança (do governo peronista), por decisão policial, estava postado na entrada dos seminários” (Rodrigué, 2006: 40). E Rodrigué acrescenta: “Um dos nossos divertimentos consistia em inventar casos clínicos escabrosos, de moças fornicando com turcos bigodudos, e ver a cara que o vigilante fazia” (Rodrigué, 2006: 40). Essa era toda a resistência oferecida, tanto que, quando

* Psicanalista e membro da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID).

Marie Langer vem se juntar ao grupo, de heterodoxa passa à ortodoxia, transformando o quarteto de fundadores em um quinteto de jovens entre trinta e três e trinta e nove anos, fidelíssimos à IPA. “Dois postulados messiânicos nos sustentavam: a Argentina ia salvar a obra de Freud; a psicanálise pode tratar tudo” (Rodrigué, 2006: 48). As relações entre os componentes do grupo, ao se definirem como analistas uns dos outros, tiveram um efeito devastador: Rodrigué compara o dispositivo explosivo armado ao problema de Victor Tausk na Viena de 1918, que resultou no suicídio deste.

Essa tensão se manifesta dentro da análise de Rodrigué com Arnaldo até a ruptura. O analista perde a paciência com as comparações depreciativas do analisando, que o queria espelhando-se em Melanie Klein ou Fairbairn, e o expulsa do consultório: “Rodrigué, se isso não lhe agrada, vá se foder” (Rodrigué, 2006: 48). Ele grifa – “*O vá se foder me produziu efeito, sobretudo porque era a primeira vez que Arnaldo me chamava de você*” (Rodrigué, 2006: 48). Vê-se, por aí, com que cerimônia os analisandos eram tratados e como os analistas costumavam perder a cabeça ao vivenciarem os percalços de uma transferência negativa. Nas palavras de Rodrigué, essa foi uma “perigosa separação” (Rodrigué, 2006: 48), a primeira de uma série, que o levou a Londres, para retomar sua análise com Paula Heimann.

Era 1947 e a *British Psychoanalytical Society* encontrava-se cindida em três grupos: os kleinianos, os annafreudianos e o grupo do meio. Em sua primeira reunião societária, um homem desconhecido se apresentou a ele: “Encantado em conhecê-lo, sou Winnicott” (Rodrigué, 2006: 59), ganhando o reconhecimento eterno de Rodrigué por sua simplicidade. Winnicott se encontrava entre Bion, Ernest Jones e Melanie Klein, e, como sabemos, pertencia ao *middle group*, fazendo ponte entre os extremos teóricos daquele momento. Rodrigué aponta: “Graças à minha experiência kleiniana, compreendo a arrogância lacaniana dos anos 1980” (Rodrigué, 2006: 60). Quatro anos depois, Rodrigué encerra sua estada em Londres.

De volta à Argentina, encontra a APA vivendo seu momento kleiniano com Arminda Aberastury e é recebido como um herói: “Você concordará que há uma diferença, mesmo que psicológica, entre aquele que bebe na fonte e aquele que aprende apenas pelos livros – como entre o bebê que mama no seio e o que mama na mamadeira” (Rodrigué, 2006: 65). Essa é uma referência direta às suas superviões com Melanie Klein e a seu “*pedigree inglês*” (Rodrigué, 2006: 65). A análise de grupo começava a existir e Rodrigué publica seu primeiro livro, com Marie Langer e Grinberg, sobre grupos. Funda, também, uma associação com a finalidade de estudá-los.

Foi então que conheceu Noune, verdadeira Madame Butterfly, mulher de Heinrich Racker, por quem se apaixonou perdidamente. Apesar de só “ter pegado

na mão” (Rodrigué, 2006: 69) de Noune, o caso foi levado à comissão didática e o que o salvou da expulsão da Sociedade foi Marie Langer abster-se de votar por ser analista de Racker e co-terapeuta de grupo de Rodrigué. “Em menos de dez anos, eu tinha roçado duas vezes a expulsão da APA” (Rodrigué, 2006: 70). Volta então a Londres e retoma sua análise com Paula Heimann, que, ele descobre, acaba de romper com Melanie Klein. Uma dor como se seus pais se separassem, mas Rodrigué, apesar de fiel à sua analista, continua kleiniano, o que não é reconhecido pelo grupo, que deixa de considerá-lo um dos seus. Isso, porém, não ocorre com a própria Melanie Klein, que o honra, pedindo que redija um artigo para seu livro comemorativo de setenta anos. Rodrigué escreve sobre Raul, o caso de um menino autista que só falou seis meses após o início de sua terapia, sob supervisão de Pichon-Rivière, chamando-o de “mamãe”. Para vencer um bloqueio durante a escrita desse artigo, leu *Philosophy in a new key. A study on the symbolism in reason, rites and art*, de Suzanne Langer (1957), e, entusiasmado, decidiu ser seu discípulo. Depois de insistentes cartas, consegue ser encaminhado por ela para a clínica *Austen Riggs* de Stockbridge, dirigida por Robert Knight.

Rodrigué tem trinta e cinco anos e é psicanalista didata da APA. Sente-se, assim, com o futuro garantido, e se permite, por isso, partir para os Estados Unidos com mulher, três filhos e um salário de residente. *Austen Riggs*, nos anos 1970, era uma instituição aberta. A maioria dos pacientes era de *borderlines* com internação voluntária, que contavam com quatorze psiquiatras, oito psicólogos e seis professores. A terapia era de grupos de dez, e seu princípio de base a co-direção dos pacientes e profissionais. Rodrigué (1965) então escreve seu primeiro livro individual: *Biografia de uma comunidade terapêutica*. Suzanne Langer vivia perto de Stockbridge, em Mystic, e lá Rodrigué ia aprender lógica simbólica e a duvidar de tudo. David Rappaport, uma das estrelas de *Austen Riggs*, morreu de um ataque cardíaco um mês depois da chegada de Rodrigué. No entorno da comunidade terapêutica, porém, circulavam famosos como Eric Erickson, o cineasta Artur Penn e o dramaturgo Artur Miller. Casado com Beatriz, Rodrigué confessa que se apaixonou por Nara, por sua vez casada com um diretor de atividades da clínica, grande amigo dele. Um amor cortês e puro interrompido pela proibição do marido de Nara de que saíssem juntos. Rodrigué diz que perdeu três quilos em vinte e quatro horas por conta desse amor frustrado. Estava em supervisão com Rappaport, mas não conseguiu, na sessão da manhã seguinte, fazer outra coisa senão chorar e desabafar com o mestre, que correspondeu contando a ele um episódio semelhante ocorrido em própria sua vida. É curioso que, apesar de ser supervisor, Rodrigué esperava de Rappaport alguma interpretação e ficou muito gratificado quando isso não ocorreu.

De volta a Buenos Aires, Rodrigué reencontra Nouné, agora viúva. Reconhece que “não é muito correto constatar que a morte de Racker me tirou da depressão pós-Nara, mas foi assim” (Rodrigué, 2006: 96). A psicanálise estava na rua e esse crescimento só foi interrompido em 1970 com a ditadura militar. “Sob o regime Onganía, a existência do grupo foi considerada subversiva. Os psis fecharam seus consultórios e se puseram a estudar Lacan. Não há mal que não venha para bem” (Rodrigué, 2006: 98). Já desde 1963 começava-se a tratar os pacientes de “você”. Rodrigué, então, divorcia-se de Beatriz, casa-se com Nouné e vive “anos prósperos e frutuosos” (Rodrigué, 2006: 99), que culminam com sua eleição para a presidência da APA em 1966, aos quarenta e três anos, como Édipo casado com Jocasta: Racker tinha sido figura relevante, um Laio, na psicanálise argentina.

Nessa época, ele tem seu primeiro contato com o candomblé através de uma ex-analisanda casada com Mestre Didi, Juanita Elbein Santos, que agora o procura para fazer supervisão de seu trabalho como antropóloga (terminava de escrever seu livro *Os nagô e a morte* (1986), focado no culto aos mortos, oficiado na ilha de Itaparica e no terreiro de Axé Opô Afonjá, fundado por Mãe Senhora, que vem a ser mãe de Didi). Fica sabendo que seu orixá é Xangô e tem premonições e sonhos que despertam seu espírito inquieto para o misticismo africano.

Nouné-Jocasta e Rodrigué tiveram um casamento feliz, foi com ela que Emílio fumou maconha até no Kremlin, assim como fez uma viagem gourmet pela França e expulsou os hippies de sua vida. Mas Jocasta morre. Nouné também. É belo o capítulo que Rodrigué dedica a essa separação desesperada. Uma semana depois da morte de Nouné, Mestre Didi vai em socorro de Emílio: “os mortos detestam os vivos” (Rodrigué, 2006: 156), diz, acentuando que ambos eram filhos de Xangô, orixá que não gostava da morte. Deu a ele um conselho: que tomasse um banho com Sabão da Costa, uma bola negra envolvida em papel prateado. Naquela noite, depois do banho, Rodrigué pode dormir “direto, sem comprimidos nem pesadelos” (Rodrigué, 2006: 156).

Em pleno abismo da viuvez, Emilio consola-se com Marilu: “sempre gostei de me meter em úteros prêt-à-porter” (Rodrigué, 2006: 157). Nove meses depois saiu desse útero e encontrou Marta, que conheceu numa terapia de grupo. “Marta era um falcão” (Rodrigué, 2006: 158). Com Marta escreveu *El antiyo* (1974), no qual os dois se viam como uma nova proposta amorosa. “Os livros que se seguiram, *A lição de Ondina* (1980) e *Ondina supertramp* (1987) que, junto a *Gigante pela própria natureza* (1991), são pontos de referência para o presente livro” (Rodrigué, 2006: 160).

No capítulo referente à fundação do grupo *Plataforma* – que pretendia liberar os analistas filiados à IPA de sua camisa de força alienante concedendo a eles liberdade de expressão e de participação política –, Rodrigué afirma não haver então *psicanalistas* fora da IPA. É bom lembrar que o *Instituto de Medicina Psicológica*, futura *Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle*, já oferecia cursos de formação e viria em breve filiar-se à Federação Internacional de Psicanálise. Ele se julgava um espírito livre por pertencer à APA e à FAP, uma Federação libertária que nada tinha a ver com a supracitada Federação Internacional de Psicanálise, a não ser o direito à liberdade de pensamento e opinião de seus participantes. Quando a repressão atingiu mais duramente a Argentina, colocando a psicanálise como profissão subversiva, vários fundadores de *Plataforma* e editores de *Questionamos* vieram se refugiar e buscar trabalho entre nós, no Brasil, como exemplos o próprio Rodrigué e Gregório Barenblitt, entre vários outros. A Bahia recebeu Rodrigué e suas experiências em psicodrama. Lá ele deixou um grupo em formação de trinta e cinco psicanalistas e rompeu totalmente com a ortodoxia: comia e até dormia na casa dos pacientes, indo de Reich a Ida Rolf, com pitadas de Gestalt.

Depois de iniciar a formação do grupo da Bahia, Rodrigué e Marta partem para Esalen, Califórnia. “Esalen ocupa cinco hectares que dão para o mar, bangalôs esparsos partem do edifício mãe, peça central e restaurante da comunidade” (Rodrigué, 2006: 249). Lá eles vão se submeter ao que na época se chamava de Laboratório Social. Usam técnicas de bioenergética, sugestão e ioga. Na onda da serotonina, aikidô, arte da paz, com Bob Nadeau e ainda a psicologia dos atletas com o medalhado Mark Spino. Eclética Esalen. De volta à Bahia, revaloriza a psicanálise:

A psicanálise tem sua própria técnica de meditação, na qual tudo flui no universo da associação livre. A escuta imponderável da atenção flutuante. Poderíamos dizer que ela é, essencialmente, uma arte marcial. Todo movimento tem sua importância, e nenhum a tem, num mundo no qual tudo está contido e nada o está. A técnica de atenção flutuante, como o aikidô, privilegia cada emergência. A psicanálise é uma meditação sensual, compartilhada. São peripécias de um encontro íntimo. A psicanálise é um virtual beijo de língua (Rodrigué, 2006: 264).

A morte de Beatriz, mãe de seus filhos, aguça seu medo da morte. Tenta elaborá-lo em psicodramas, no entanto continua sentindo-se como uma rã, presas a estourar. Então se consuma a ruptura com Marta. “Beatriz, Nouné e Graça foram meu Marx” (Rodrigué, 2006: 278), ele avalia, ao passo que Marta era seu

“Engels”, o número dois numa relação em que ele era o número um. Houve um interregno com Lourdes, uma “legítima Dona Flor” (Rodrigué, 2006: 282).

Graça era uma “princesa africana” (Rodrigué, 2006: 338) com a qual, após oito anos de romance, resolveu se casar no terreiro de Axé Opô Afonjá. A magia banha o fechar da memória, quando ela, ao se tornar filha de Oxum, criou uma aura a seu redor inexplicavelmente captada pela máquina fotográfica de Rodrigué.

As memórias terminam em 2005, quando o livro é editado pelas Edition Payot & Rivages em Paris. Então, Emílio é um senhor de oitenta e quatro anos e alma adolescente. Encantado pelos eguns da Bahia, vestido com a calça de Xangô e cheio de energia vital, parte novamente, deixando-nos à espera de outras aventuras.

Seria Rodrigué, mais que Narciso, um personagem a quem o psicanalista Rodrigué, ao lhe contar as memórias, analisou?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Langer, S. (1957). *Philosophy in a new key. A study on the symbolism in reason, rites and art.* Massachusetts: Harvard University Press.
- Rodrigué, E. (1965). *Biografía de una comunidad terapeutica.* Buenos Aires: Eudeba.
- . (1980). *La lección de Ondina.* Madrid: Editora Fundamentos.
- . (1987). *Ondina supertramp.* Buenos Aires: Editora Sudamerica.
- . (1991). *Gigante pela própria natureza.* São Paulo: Escuta-Pulsional.
- . (2006). *Separações necessárias – Memórias.* Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Rodrigué, E. & Berlin, M. (1974). *El antiyo.* Madrid: Editora Fundamentos.
- Santos, J. E. (1986). *Os nagô e a morte.* Petrópolis: Vozes.